



## Crítica à crítica marxista do Cristianismo

Abilio Tadeu Arruda\*

Esse artigo pretende ser uma crítica à teoria infundada, por ser dogmática, dos marxistas ortodoxos, de que a religião serve apenas como narcótico das massas sociais. Ao fazer a crítica a que nos propomos, o presente artigo quer, como deve ser qualquer crítica, contribuir com discussão tão premente sobre as relações, conflitivas entre o marxismo e o cristianismo e mostrar que a religião pode vir a ser importante ferramenta nas mãos das classes dominadas em sua constante luta para, no mínimo, obter as mesmas oportunidades nas sociedades dos homens.

Toda crítica da *crítica marxista da religião* se dá em torno da célebre frase de Karl Marx: *A religião é o ópio do povo*.<sup>1</sup> Este pequeno artigo toma por base alguns comentários de alguns autores<sup>2</sup> que já abordaram o equívoco histórico de se atribuir o enunciado da frase em questão apenas a Marx, como se fosse ele o primeiro cientista a entender a religião como tal<sup>3</sup>, e também, como fizeram os ortodoxos, de destacá-la de seu contexto<sup>4</sup>.

Já que vamos falar sobre marxismo e religião, é necessário começar, ainda que de forma bem resumida, pelo que se pode entender sobre a crítica marxista da religião, pelo menos segundo os autores que o estudam e nos quais nos baseamos. Para Assmann e Mate,

por un lado, esa crítica marxiana es una ‘crítica de la iglesia’ [...] la iglesia como institución histórica, empírica, establecida. [...] Por otro, es una ‘crítica del cristianismo’. El cristianismo [...] como concreción histórica de la religión en general, [...] se refiere al fenómeno religioso que envuelve al mundo burgués... [...] En tercer lugar, es ‘una crítica de la religión mágica’. Finalmente, es una ‘crítica total de la religión. No se refiere a un fenómeno sino a la esencia; no a una parte sino al todo.’<sup>5</sup>

A crítica marxista do cristianismo, bem como da igreja como instituição histórica, empírica e estabelecida, será o nosso objeto de análise neste artigo. Para tanto, também será utilizada a pesquisa sociológica sobre o assunto realizada por Otto Maduro<sup>6</sup>.

---

\*Teólogo e mestre em Ciências da Religião.

1. Em alemão: “*Die Religion Sie ist das Opium des Volkes.*”

2. ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. *Karl Marx – Friedrich Engels: Sobre la religión I. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979, pp. 9-37*; LÖWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991. caps. I – IV; VII – VIII; Frei Betto. *Cristianismo e Marxismo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

3. Heinrich Heine, entre outros, já havia escrito, em 1840: “Bendita seja uma religião, que derrama no amargo cálice da humanidade sofredora algumas doces e soporíferas gotas de ópio espiritual, algumas gotas de amor, fé e esperança.” Cf. LÖWY, Michael. *Marxismo e Religião: ópio do povo?*, p. xx. (ver obra)

4. LÖWI, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*, p. 11.

5. ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. Op. cit., p. 36.

6. MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes*. Petrópolis: Vozes, 1983, pp. 151-185.

Ao identificar o cristianismo como fenômeno religioso envolvido com a ideologia burguesa, Marx tem se apercebido que a religião cristã tem estado aliada, com seus discursos e práticas, à ideologia dominante. A esse respeito Betto raciocina na mesma linha de pensamento de Marx, ao dizer que:

Nos países que ingressaram no regime socialista, como União Soviética e Cuba, o Cristianismo esteve identificado com o antigo regime, servindo de substrato à ideologia dominante, legitimando a propriedade privada dos meios de produção e a exploração das classes trabalhadoras.<sup>7</sup>

Neste sentido, mesmo quando a frase de Marx, *a religião é o ópio do povo*, é retirada de seu contexto, para ser interpretada numa ótica unilateral, o que leva ao entendimento da religião, nas palavras de Betto, como “intrinsecamente reacionária, inerente ao aparelho burguês de Estado”<sup>8</sup>, a crítica tem razão de ser, “na medida em que, em diferentes épocas históricas, a religião serviu de suporte teórico à dominação política”.<sup>9</sup> Quando dissemos que a frase de Marx foi interpretada numa ótica unilateral, referimo-nos ao fato de que, com isso, tem-se negligenciado o duplo aspecto da religião encontrado em Marx quando da leitura do restante do parágrafo onde se encontra a célebre frase:

A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do povo.<sup>10</sup>

Esquecer-se, numa crítica da crítica marxista da religião, do reconhecimento dado por Marx à religião como protesto, bem como de seu distanciamento da “clássica denúncia ideológica da religião”<sup>11</sup>, é cair na armadilha daqueles que a absolutizaram apenas como ópio do povo, como o fizeram os chamados marxistas ortodoxos, a partir de um raciocínio inverso ao da dialética materialista<sup>12</sup>. É óbvio que ele enxerga este lampejo de protesto da religião como evasão. Segundo Assmann e Mate, para Marx “lo fatídico de esa protesta es su impotência, y lo peligroso de la religión es servir de consuelo, de narcótico”.<sup>13</sup> Porém, para Betto, “em seu ateísmo filosófico, Marx evolui para uma abordagem dialética da religião na medida em que considera sua dimensão positiva de “protesto contra a miséria real”.<sup>14</sup>

Apesar de adiantar-se à concepção totalitária<sup>15</sup> de Hegel, ao analisar a história da sociedade, Marx não consegue desvencilhar-se desta concepção e, de acordo com Assmann e Mate, “aplica al problema religioso el ‘pensamiento de identidad’ entre totalidad y particularidad, entre esencia y fenómeno que hemos visto em Hegel”.<sup>16</sup> Desse modo, surpreendentemente, Marx reduz a religião à pura alienação, ou seja, “si hoy la religión se alía al capitalismo hay que deducir que la esencia religiosa es alienación o perversión”.<sup>17</sup>

Mas, seria a religião pura alienação? Estaria o cristianismo, em todas as épocas e em todas as suas nuances, comprometido com os interesses das classes dominantes?

Embora Marx tenha reduzido a religião à alienação, de acordo com Assmann e Mate, ele nos deixa

---

7. BETTO, Frei. *Cristianismo e Marxismo*. Petrópolis: Vozes, 1986, p.23.

8. Idem, *Ibidem*, p.25.

9. Id. *Ibid.*, p. 39.

10. MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005, pp. 146-147.

11. ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. *Karl Marx – Friedrich Engels: Sobre la religión I*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979, pp. 30-31.

12. BETTO, Frei. *Op. cit.*, p. 25.

13. ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. *Op. cit.*, p. 23.

14. BETTO, Frei. *Op. cit.*, p. 27.

15. *Essa “concepção totalitária” não faz distinção entre a totalidade do fenômeno religioso e a manifestação particular do mesmo; antes, identifica-as. [...] Não há relação dialética entre o universal e o particular. Os dois coincidem.* Cf. BETTO. *Op. cit.*, p. 29.

16. ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. *Karl Marx – Friedrich Engels: Sobre la religión I*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979, p. 32.

17. Idem. *Ibidem.*, p. 33.

um legado novo com relação à crítica da religião: “la crítica de la religión tiene que ser un análisis de la conciencia religiosa concreta, de su funcionamiento social, de sus manipulaciones políticas”.<sup>18</sup> Nas palavras de Betto, “a religião não existe em abstrato, mas concretamente encarnada na vivência social e política de pessoas situadas historicamente e que mantêm entre si determinadas relações de produção”.<sup>19</sup> Assim chegamos ao conceito marxista de lutas de classes ou *clases con intereses antagónicos*<sup>20</sup>, o que nos leva à parte final deste artigo, onde analisaremos a igreja como instituição histórica, empírica e estabelecida numa sociedade de classes, no contexto latino-americano, e sua *eventual función revolucionária*<sup>21</sup>.

Podemos começar esta parte argumentando que Marx, durante uma etapa da sua crítica à religião, aborda com certo interesse alguns atos de militância política dentro do cristianismo<sup>22</sup>. Mas devemos ter o cuidado de não reduzir a abordagem de Marx de maneira que nos fique a impressão de que para ele tanto o cristianismo quanto a Igreja têm caráter revolucionário. Ele continua a enxergar estes em relação à sociedade burguesa e ao capitalismo. Senão vejamos:

Para una sociedad de productores de mercancías, [...] la forma de religión más adecuada es, indudablemente, el cristianismo, con su culto del hombre abstracto, sobre todo en su modalidad burguesa, bajo la forma de protestantismo....<sup>23</sup>

A Igreja latino-americana está situada numa sociedade de classes, sendo que nesta sociedade as relações são mediadas por interesses de classes, isto é,

[...] são relações conflitivas entre *forças desiguais em luta* pela direção da sociedade: uns (os dominantes) tentando consolidar o poder de dominar já alcançado; outros (os dominados) resistindo de muitas maneiras à dominação e procurando aumentar de alguma forma o próprio poder.<sup>24</sup>

Para consolidar o poder adquirido e tornar-se *classe dirigente*, a classe dominante utilizará de estratégias de coerção e persuasão, a fim de que o consenso geral seja favorável à sua escalada rumo a dominação.<sup>25</sup> Como parte dessa estratégia, o aprofundamento do poder simbólico é condição *sine qua non* para que a classe dominante consolide sua hegemonia. Assim,

[...] uma religião qualquer, ao se encontrar no seio de uma sociedade onde uma classe social [...] se acha a ponto de constituir-se como classe dominante, há de se ver passo a passo e inevitavelmente submetida [...] a um conjunto de limitações e orientações *geradas* pelo mesmo processo de dominação, e *tendentes* a fazer da mera dominação uma verdadeira hegemonia.<sup>26</sup>

Dessa forma a Igreja, sem que disso se apercebam seus partícipes, através de seus discursos e práticas (ritos), passa a ser ferramenta nas mãos da classe dominante para que essa se estabeleça como classe dirigente.<sup>27</sup>

---

18. Id. Ibid., p. 19.

19. BETTO, Frei. *Cristianismo e Marxismo*. Petrópolis: Vozes, 1986, p.30.

20. Idem.

21. MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 183. Aproprio-me, aqui, de parte do sub-título: “*A eventual função revolucionária dos sistemas religiosos de tipo ‘igreja’*”.

22. ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. *Karl Marx – Friedrich Engels: Sobre la religión I*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979, p. 25 e 30.

23. *apud* Idem. Ibidem., p. 26.

24. MADURO, Otto. Op. cit. Sublinhado do autor.

25. Cf. MADURO, Otto. Op. Cit, p. 107.

26. MADURO, Otto. Op. cit., p. 108. Sublinhados do autor.

27. Cf. MADURO, Otto. Op. cit., p. 108. Segundo MADURO, “a dinâmica da dominação poderá impor-se sobre as tradições religiosas da população implicada até o ponto de (a) aniquilar ou submeter todo ‘elemento’ religioso [...] que pareça constituir um obstáculo ou perigo para a consolidação do poder da classe [...] dominante; (b) favorecer a criação e/ou o desenvolvimento de todos os elementos religiosos que forem claramente convergentes com a consolidação do poder da classe dominante, e (c) reestruturar de maneira mais adequada à nova situação de dominação todos aqueles elementos religiosos que não forem diretamente obstaculizadores da consolidação do poder da classe dominante”.

Porém, a Igreja latino-americana quer nos mostrar que, mesmo que durante muito tempo e em muitos lugares ao redor do mundo a Igreja, com seus discursos e práticas, tenha se posicionado ao lado das classes dominantes<sup>28</sup>, dando assim substrato à crítica marxista da Igreja e do cristianismo, algo de revolucionário sempre esteve latente no seio da Igreja, podendo irromper sob certas circunstâncias. Segundo Maduro, “toda igreja [...] abriga em seu seio conflitos tais que seu desenvolvimento pode [...] favorecer processos religiosos com funções sociais não conservadoras e até revolucionárias”.<sup>29</sup>

Ao abordar o assunto, Betto nos diz que “o marxismo e os marxistas não podem ignorar o novo papel do cristianismo como fermento de libertação das massas oprimidas da América Latina”.<sup>30</sup> Fatos tais como a criação do MEB (Movimento pela Educação de Base), da JOC (Juventude Operária Católica) das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), da CUT (Central Única dos Trabalhadores), do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra), das Associações de Bairros, do PT (Partido dos Trabalhadores), no Brasil, movimentos estes de cunho socialista-marxista que se originaram por causa do trabalho de militantes cristãos<sup>31</sup>; a participação ativa de cristãos no processo de libertação da Nicarágua, com a vitória dos sandinistas em 19 de julho de 1979<sup>32</sup>; as origens das lutas revolucionárias em El Salvador, após o Concílio de Medellín, com a formação de movimentos tais como a Feccas (Federação Cristã dos Camponeses de Salvador), a UTC (União dos Trabalhadores do Campo), o Bloco Revolucionário Popular (BRP), cujo principal dirigente era um militante cristão, e muitos outros cristãos, como o Monsenhor Oscar Romero, que deu sua vida pela revolução salvadorenha<sup>33</sup>, leva-nos a afirmar, com Betto, que “marxistas e cristãos têm mais arquétipos em comum do que supõe a nossa vã filosofia. Um deles é a utopia da felicidade humana no futuro histórico...”<sup>34</sup>

Como concluir, então, este modesto artigo? Queremos concluí-lo deixando bem clara a nossa posição em relação à discussão aqui proposta, a saber, a *crítica marxista do cristianismo*, e, para tanto, citaremos Löwi:

Dentre os aspectos do marxismo [que devem ser recusados], se encontram [...] a filosofia materialista, a ideologia atéia e a caracterização da religião como “ópio do povo”. Entretanto, [não se deve recusar] a crítica marxista da Igreja e das práticas religiosas “realmente existentes”.<sup>35</sup>

Podemos dizer, sem querer defender aqui certos evolucionismos darwinistas, que a ideologia atéia é filha da filosofia materialista e a caracterização da religião apenas como narcótico do povo é sua neta. Porém, é sintomático que o próprio desenvolvimento histórico-social ocidental tem demonstrado que o materialismo, o ateísmo e a dessacralização das sociedades têm levado o ser humano ao mais profundo vazio existencial, e um dos motivos de tal vazio é a inexistência ou o desconhecimento de utopias que sirvam de caminhos para a construção de um mundo onde caibam todos.

---

28. Cf. Idem. *Ibidem*, p. 105-109.

29. Id. *Ibid.*, p. 183.

30. BETTO, Frei. *Cristianismo e Marxismo*, p. 38.

31. LÖWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991, pp. 51-64.

32. LÖWY, Michael. *Op. cit.*, pp. 65-80. Segundo o autor, “essa participação cristã ativa [...] influenciou profundamente o sandinismo, como ideologia composta do nacionalismo agrário radical de Sandino, do cristianismo revolucionário e da corrente guevarista do marxismo latino-americano.” (cf. p. 75).

33. Idem, *Ibidem*, pp. 81-89.

34. BETTO, Frei. *Op. cit.*, p. 42.

35. LÖWY, Michael. *Op. cit.*, p. 104.

## **Bibliografia**

ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. *Karl Marx – Friedrich Engels: Sobre la religión* I. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979, pp. 9-37.

BETTO, Frei. *Cristianismo e Marxismo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LÖWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*. – Tradução de Myrian Veras Baptista. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991, Caps. I – IV; VII – VIII.

MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes: quadro teórico para a análise de suas inter-relações na América Latina*. 2ª Edição. – Tradução de Clarêncio Neotti e Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1983, pp. 108-185.

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Bomtempo Editorial, 2005.